



DO LÁPIS E CANETA AOS *TABLETS* NAS ESCOLAS: O USO DA TECNOLOGIA À LUZ DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE

FROM PENCIL AND PEN TO TABLETS IN SCHOOLS: THE USE OF TECHNOLOGY IN THE LIGHT OF PAULO FREIRE'S PEDAGOGY

Renan Viana Garcia¹
Elisiene Chaves Fagundes²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar uma correlação entre a metodologia utilizada pelo educador Paulo Freire e o contexto contemporâneo da educação brasileira, entrelaçando essas duas esferas. Para tanto, o método Paulo Freire foi analisado ao longo do trabalho, bem como suas aplicações na educação, tendo como fonte o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Essa tecnologia, que agrega e amplia o fazer das pessoas em comunidade, se mostra como uma ilimitada ferramenta das potencialidades criativas do ser humano, podendo ser utilizada de forma ampla e diversificada, porém, fazendo-se uma importante ressalva: essa técnica é um dificultador tanto para o profissional que a utiliza, quanto para o educando, pois há limites claros de acesso por parcelas mais carentes da sociedade à inclusão digital. Observou-se, por fim, que a inclusão digital pode ser uma aliada relevante para a compreensão das desigualdades e disseminação de um ensino mais contemplativo, mas isso só é possível, segundo Freire, quando o professor assume o papel crucial de mediador do processo, sendo ele, pois, responsável por um ensino mais social e amplo, e não apenas um disseminador de conteúdos pré-estabelecidos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Tecnologia; Paulo Freire; Pedagogia.

ABSTRACT: This article aims to present a correlation between the methodology used by educator Paulo Freire and the contemporary context of Brazilian education, intertwining these two spheres. For that, the Paulo Freire method was analyzed throughout the work, as well as its applications in education, having as source the use of Information and Communication Technologies (ICTs). This technology, which aggregates and expands the activities of people in community, shows itself as an unlimited tool of the creative potential of human beings, and can be used in a wide and diversified way, however, making an important caveat: this technique is a hindrance both for the professional who uses it, and for the educator, as there are clear limits on access by digital society to the most deprived parts of society. Finally, it was observed that digital inclusion can be a relevant ally for the understanding of inequalities and the spread of a more contemplative teaching, but this is only possible, according to Freire, when the teacher assumes the crucial role of mediator in the process, therefore, he is responsible for a more social and broad teaching, and not just a disseminator of pre-established contents.

KEYWORDS: Education; Tecnology; Paulo Freire; Pedagogy.

1 INTRODUÇÃO

O artigo aqui exposto tem o objetivo de contribuir para uma reflexão sobre o impacto das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e seus desdobramentos na educação à luz dos pressupostos do educador Paulo Freire. À título histórico, observamos no início da década de 1970, aparelhos eletrônicos até então pouco conhecidos e manejados como, impressoras, *driver*s externos, câmeras fotográficas e *scanners* chegarem como uma novidade revolucionária nas escolas de vários países do mundo. A partir desse momento, o uso de computadores

¹ Discente em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. renan_garcia16@hotmail.com

² Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. elisiene.fagundes.ef@gmail.com

na educação começa a ser possível, e com a vinda da internet em redemediado pelo *Word Wide Web*, e-mail e as ferramentas de busca de informações, um novo vocábulo foi cunhado: TICs, tecnologias de informação e comunicação. “O termo TIC, abreviação de Tecnologias de Informação e Comunicação, abrange muitas tecnologias que nos permitem receber informações e comunicar ou trocar informações com outras pessoas” (ANDERSON, 2010).

Para incluir esse tipo de tecnologia no âmbito educacional é necessário muitos fatores que juntos ofereçam um aparato sólido e embasado para o educador; o domínio das ferramentas se mostra como um conhecimento fundamental para fazer com que as TIC's funcionem e realizem seu papel pedagógico; um currículo acadêmico que licencie o profissional de educação a inovar no ato de lecionar mediado por essa tecnologia; uma infraestrutura que se mostre suficiente para atuação docente; currículo suficientemente amplo e com objetivos claros, que contemplem e abarquem a maioria das matérias escolares mediadas pela TIC; e o mais importante, investimento governamental na capacitação e atualização desses professores (LEITE; RIBEIRO, 2012)

Com o propósito de identificar as contribuições freireanas na busca da emancipação do sujeito e quebra de paradigmas educacionais pela tecnologia informatizada, veremos, de forma breve, como isso se construiu na história da educação no Brasil. Questionando-nos se o manejo tecnológico informatizado tem se alicerçado na metodologia freireana, descortinaremos aqui, através de uma revisão bibliográfica, uma breve contextualização da vida desse renomado educador, além de descrever a inter-relação entre a dita contemporaneidade na qual estamos inseridos e a TIC. Logo, a compreensão final proposta neste artigo contará com um panorama entre essas duas frentes, com vistas a deslumbrar, assim, uma metodologia mais próxima do ideal para os educadores responsáveis por utilizar esses equipamentos tecnológicos na escola.

Esse artigo surgiu a partir do projeto de pesquisa realizado durante o 1º semestre de 2019 na disciplina Estágio Básico II: Práticas Investigativas, construído ao longo do 3º período do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, abordando o tema “Contribuições Piagetianas na educação”. A partir do estudo aprofundado desse conceituado e consolidado educador dentro do processo educacional no mundo, enxergamos a necessidade, mediado por uma assídua inquietação, de proceder uma produção acadêmica voltada para algum autor renomado dentro do território nacional, e que possibilitasse fazer um recorte com nossa atualidade, inserindo o maior símbolo da contemporaneidade, a tecnologiada informação, que dentro dos parâmetros impostos pela globalização vigente, conectou e viabilizou novas formas de relacionar as pessoas dentro de suas respectivas civilizações. Quando nos vimos nesse contexto, não há muitos questionamentos na escolha de um autor que, assim como Piaget,

era reconhecido para além das fronteiras nacionais, considerado o patrono da educação brasileira e citado no mundo inteiro: o pernambucano Paulo Freire.

Com o crescimento e desenvolvimento em larga escala das tecnologias da informação e comunicação na contemporaneidade, surgem com elas novos modelos de relações sociais e profissionais que, alicerçados por métodos de ensino e aprendizado informatizados, compõem inéditos formatos de ser e existir na escola e na sociedade. Como explanado por Moreira e Kramer (2007, p. 1038) em relação aos recursos tecnológicos, “[...] uma educação de qualidade demanda, entre outros elementos, uma visão crítica dos processos escolares e uso apropriado e criterioso das novas tecnologias”. Enxerga-se aqui uma necessidade de conduzir de forma consciente as diversas ferramentas tecnificadas que temos à disposição e, acima de tudo, manuseá-las em prol de objetivos bem delineados e concretos rumo à uma educação de qualidade.

Podemos observar que órgãos públicos a nível federal, como o Ministério da Educação (MEC) e o Conselho Nacional de Educação (CNE), e a nível estadual, como a Secretaria Estadual de Educação (SEE) e o Conselho Estadual de Educação (CEE), defendem uma educação digital incorporada no cotidiano de escolas públicas federais, estaduais e municipais, visando um preparo adequado do uso das tecnologias de informação para as novas gerações, além dos professores atuantes no ensino básico público.³

Doravante, é importante ressaltar que a área educacional consegue, ao mesmo tempo, unir e coexistir diversas esferas das relações humanas, sendo de suma importância para o sujeito a troca de aprendizados mediante o contexto em que estão inseridos, tendo como fim sua constituição subjetiva, como exemplifica Patto (1991, p. 250):

A educação como processo de formação, através de relações interpessoais, não se separa da educação como forma de preparar-se para as relações interpessoais. Até certo ponto, é possível dizer que o indivíduo bem educado através de relações interpessoais terá facilidade nos seus contatos diretos com outras pessoas. [...] A educação para o “mundo humano” se dá num processo de interação constante, em que nos vemos através dos outros, e em que vemos os outros através de nós mesmos.

O ponto de vista de Patto revela uma premissa crucial no sistema ensino-aprendizagem, a capacidade do outro de se construir a partir da relação que ele detém com seu semelhante. No entanto, no que tange a via da tecnologia de informação e comunicação, as transformações que ela trouxe nos impõe novas formas de ensinar e aprender, sendo os aparatos tecnológicos im-

³ BRASIL, Ministério da Educação. *Ministério distribuirá tablets a professores do ensino médio*. Em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/215-568057805/17479-ministerio-distribuir-tablets-a-professores-do-ensino-medio>>. Acesso em: 02 de outubro de 2019.

portantes mediadores entre o processo de ensino-aprendizagem que coloca o sujeito em constante conciliação perante o conhecimento almejado, conforme afirmam Sampaio e Leite (2008, p.74):

Para realizar a tarefa e relacionar o universo do aluno ao universo dos conteúdos escolares, e com isso contribuir para a formação básica do cidadão/trabalhador, o professor precisa também utilizar as tecnologias que hoje são parte integrante da vida cotidiana.

Com propósito de equilibrar novas metodologias de ensino com o que nos é dado na contemporaneidade, não devemos nunca ignorar os saberes que os alunos trazem para a sala de aula, pois é a partir deles que podemos objetivar conhecimentos passíveis de serem democratizados e expansíveis a uma leitura crítica da sociedade. Levar em consideração o capital cultural de cada um e evitar possíveis violências de ordem simbólica proporciona aos alunos mais liberdade e confiança durante a utilização de ferramentas que nem sempre estão incluídas em seu cotidiano. Como exposto por Sampaio e Leite (2008), o professor e sua formação é peça fundamental nisso, pois, o profissional que opera somente como transmissor de conhecimento tende a assumir uma postura excludente, porque busca apenas compreender e reproduzir de forma mecânica o uso da tecnologia informatizada, sem, no entanto, alcançar o domínio crítico da linguagem tecnológica.

Desta maneira, ao produzir conteúdos que possibilite transformações sociais, econômicas e políticas dentro da sala de aula sempre de forma crítica e questionadora, explorando os agentes protagonistas dessas transformações, e os tornando personagens principais da libertação exploratória do sistema, esses professores estarão se aproximando do ideal de escola preconizado por Paulo Freire. Por meio de discussões de temas sociais e políticos dentro das dependências escolares, o educador aqui é o responsável não só pela coordenação das atividades, mas, também, na atuação conjunta com seus alunos rumo à uma pedagogia libertadora (MENEZES; SANTOS, 2001).

2 DESDOBRAMENTOS FREIREANOS E SUA RELAÇÃO COM OS ESPAÇOS EDUCACIONAIS

Paulo Reglus Neves Freire foi educador, escritor e filósofo brasileiro. Segundo o Instituto Paulo Freire fundado em 1991, o educador dedicou-se ao longo de sua vida em prol de uma educação igualitária e democrática, sendo sempre a favor dos oprimidos, virtudes essas presentes na Missão da instituição em sua atuação na sociedade (INSTITUTO PAULO

FREIRE, 2020). Desistiu da advocacia e atuou durante o início de sua carreira como professor de Língua Portuguesa e, na Universidade de Recife, como docente de Filosofia da Educação, entre outras tantas atribuições que impulsionaram sua carreira. Freire sempre foi crítico com a realidade que o cercava. Nascido em uma região pobre de Recife, vivenciou de perto a realidade de ser uma pessoa oprimida e esquecida pelo sistema.

[...]ele pôde, desde cedo, observar as dificuldades de sobrevivência das classes desfavorecidas. Talvez daí tenha vindo a sua indignação contra as injustiças e seu grande desejo: a transformação da sociedade que, segundo ele, devia ser menos autoritária, discriminatória e desigual. (INSTITUTO PAULO FREIRE, S/D).

Sua práxis educativa foi pautada no seu sonho de democracia por meio da coragem e luta de cada um, pois, segundo Freire, essa era a forma mais plausível de superar as relações de opressão que nos cercam diariamente; seja em uma sala de aula de uma pequena cidade chamada Angicos, no Rio Grande do Norte, ou em uma Universidade com projeções nacionais de uma grande cidade brasileira.

Vale salientar que seu método não só foi reconhecido no Brasil, mas no mundo todo. O famoso “Método Paulo Freire” defendia uma educação politizadora que levasse o sujeito a se perceber em meio a tantas injustiças e desigualdades sociais, e ser capaz de produzir mudanças através de seu próprio cotidiano, ou seja, ele é o próprio agente histórico da libertação. “A proposta incentiva o alfabetizando a se apropriar da escrita e da palavra para que entenda melhor o mundo e conquiste autonomia para transformar o meio em que vive” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2016). Cotidiano este que facilmente ultrapassa as fronteiras da sala de aula, viabilizando o ato de educar em casa, em praças, no convívio social, em círculos de culturas, etc. Todo momento é momento para alfabetizar e ser alfabetizado, visto que as dimensões educativas não se restringem apenas a instituições de ensino. Esta última, salienta-se, pode ser caracterizada como os clássicos espaços formais de alfabetização, que por mais que sejam importantes na constituição do eu e no investimento em si através da locomoção para o espaço, contato com pessoas de realidades diferentes, obediência a “autoridades” -- autoridades aqui no sentido de profissionais detentores de um saber direcionador nos moldes defendidos por Freire --, e todo processo que gira em torno do ir a uma escola, não deve-se ser restringido unicamente a esses moldes. Há outros carregados de potencialidades e possibilidades de ensino.

Quando remetemos aos primeiros textos de Paulo Freire, podemos inferir como a construção do homem em meio a sociedade que o cerca se dá, primeiro, via conhecimento/leitura do mundo, que, por regra, sempre precede o conhecimento/leitura da palavra (Heller *apud* Scocuglia, 2009). Enxergamos a partir desse pressuposto que a educação do sujeito só pode ser

concretizada de forma a considerar a cultura que o constituiu ao longo de suas vivências, levando em conta, primeiro, o conhecimento que os indivíduos conservam em seu universo vocabular na posição que ocupam de atores educacionais. Por conseguinte, inicia-se assim o processo de alfabetização a partir da dialética pré-estabelecida entre professor e aluno, formando, segundo Freire, as chamadas “palavras geradoras”, que trazem a descrição de cada mundo para dentro do ambiente de alfabetização, viabilizando a assimilação de conteúdos cada vez mais complexos na mente de cada pessoa.

Para exemplificar, citemos Scocuglia (2009), que coloca o corpo humano como um exemplo de matéria a ser estudada com os alunos. Segundo ele, o objeto de estudo fomenta experiências diárias com todos ali, todos temos um corpo. A partir dessa premissa, o objetivo é complexificar o conteúdo, elaborando-o de forma mais profunda e embasada. Porém, o grande paradigma se fundamenta no que e/ou onde isso se baseia. O conhecimento deveria, então, ser pautado em ações práticas, do cotidiano, naquilo que posso ver e sentir todos os dias, no senso comum que movimenta a sociedade, enfim, na “experiência feita”, como coloca Freire, para que, nesse hiato, o corpo humano como objeto de conhecimento seja problematizado em suas diversas atuações em sociedade e sirva como centro de tudo que se pretende conquistar intelectualmente naquela dada situação. A possibilidade disso se concretizar somente é possível a partir do que é palpável e tangível para nós, como finaliza o autor.

Certamente, a resposta inter/transdisciplinar desse saber elaborado em pelo menos dois conjuntos (sócio-cultural-político-econômico e bio-físico-químico) tem, como ponto de partida, o “saber da experiência feita”, o saber do mundo (e com o mundo) que precede as palavras. (SCOCUGLIA, 2009, p. 82).

Podemos observar a relevância do processo de aprendizagem a partir do que já está dado para o sujeito e da relação que ele estabelece com o mundo. Na totalidade do ser humano, enxergamos possibilidades de identificar o poder da alfabetização na luta contra as desigualdades e explorações que historicamente subalternizou os pobres e oprimidos. Esses questionamentos, dotados do poder de se metamorfozar em lutas em prol de um mundo mais justo, se concretizam em definitivo quando se dispõe de um emissor capacitado para clarear e orientar qual a posição ocupada por cada sujeito ocupano seu contexto social; auxiliar rumo à compreensão de quem trabalha para produzir as riquezas desse contexto; e, acima de tudo, elucidar quem lucra com essa quantidade de trabalho. Freire (1981, p. 86) defendia que “A educação não transforma o mundo, a educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”, mostrando que somos dotados de uma capacidade geradora de consciência crítica revolucionária

ilimitada, passando da passividade que o sistema nos impõe a partir de um silêncio opressor a sujeitos políticos com vez e voz crítica na sociedade.

No mundo tecnificado que se constituiu e se constitui ao longo da história da civilização, as TIC's entram como fator fundamental para expressar esse ser dotado de potencialidades. Ela, as TIC's, no que tange a seu manejo e controle, mostra-se como detentora de inúmeras possibilidades que facilitam o caminho autêntico inerente a cada pessoa. Ao nos desvincular do sistema e conduzir modos de ser e ser visto na sociedade hoje, as tecnologias de informação se mostram tão acessíveis a questionamentos hierárquicos como foi o Iluminismo por exemplo, movimento político/cultural na Europa no século XVIII, que vinha se construindo desde o período renascentista em meados do século XIV com premissas muito bem delineadas de liberdade e autonomia das pessoas.

Saber se apropriar de todo aparato tecnológico que nos é dado se torna uma estratégia primordial para que possamos nos incluir em sociedade sem a intencionalidade bancária e crítica que instituições perpetuam em busca da preservação do poder. Tomar consciência das estruturas sociais e atuar com perseverança em busca de questionamentos embasados e fundamentados na história, são ações que propiciam que a busca de Freire não seja em vão, mostrando que a educação não só transforma o ser, mas também a sociedade que o rodeia.

3 A TECNOLOGIA QUE TANGENCIA E CONSOLIDA O PODER CRÍTICO E POTENCIAL DO HOMEM

No ano de 1879, uma menina chamada María Sanz de Sautuola, de apenas 8 anos de idade, descobre na região da Cantábria, costa norte da Espanha, uma caverna chamada Altamira. Em seu interior, assustadores animais pintados em rochas as espantam e as instigam. Essa caverna, mundialmente conhecida, é um dos lugares onde se conservam um dos conjuntos pictóricos mais importantes da pré-história. Essas pinturas, de bisontes enfurecidos ou em repouso, são o que conhecemos hoje como as figuras rupestres. Esses animais, pintados de 35.000 a 15.000 anos atrás, tiveram como primeira teoria de origem a identificação da caça pelos homínidos, além do registro de tudo que viam de novidade em suas jornadas nômades no Período Paleolítico da terra (ANSEDE, 2019). Neste período, houve um iminente desenvolvimento físico e intelectual desses grupos de humanos, e como consequência, descobertas importantes como a do fogo. A partir daí o uso de instrumentos domésticos e de caça não só ofereceram uma maior autonomia a esses grupos em relação à natureza, mas também seu controle. Tal fato histórico traz à tona a relação do homem com a técnica e sua finalidade quanto à geração de materiais

necessários para transformação simbólica da humanidade, mostrando que o uso intensivo de materiais e ferramentas, agora acessíveis aos homens, dão sentido à face constitutiva da sociedade ao longo da história.

A mediação que as TIC's oferecem concebem a possibilidade de criação e reinvenção de sentidos na relação do homem com seu meio. Nele, a tecnologia informatizada se mostra como base importante de criação e expressão do caráter criativo do ser humano por meio de seus artefatos, podendo servir como vetor de análise dos aparatos sociais que se consolidam ao longo da narrativa histórica.

Segundo Kenski (2012, p.22) “[...] a expressão ‘tecnologia’ diz respeito a muitas outras coisas além das máquinas. O conceito tecnologia engloba a totalidade de coisas que a engenhosidade do cérebro consegue criar”. Tecnologia compreenderia, assim, tudo que é construído pelo homem a partir do uso dos recursos naturais, tornando-se um meio pelo qual se realizam atividades com o objetivo de criar ferramentas que servem como instrumentos e símbolos.

Quando remetemos às primeiras motivações do homem ao aprimoramento constante da tecnologia, podemos ressaltar a principal delas: a necessidade de controle da natureza em benefício próprio. Como exemplifica Fátima e outros (2011, p.159)

[...] o homem adquire o hábito sedentário, criando novas habilidades tecnológicas, no intuito de dominar progressivamente a natureza. Entretanto, as sociedades evoluíram, sendo que o grande problema da civilização moderna, industrial e tecnológica é, talvez, não ter percebido a dependência com a natureza.

Como também exposto pelos autores, o homem não conseguiu discernir neste processo de dominação as influências que a natureza detinha em sua constituição. Pensando pela via do trabalho, Codo (1989, p. 49) discorre que

A estruturação de um organismo [...] se dá necessariamente por uma relação entre ambos que se define com base na reciprocidade (dupla relação) que envolve a transformação da natureza a imagem semelhança do organismo e, condição *sinequanon*, o avesso; ou seja, a transformação do organismo a imagem e semelhança da natureza que o abriga.

Nesse momento, podemos observar que a tecnologia possibilita a amplificação da capacidade do homem de interagir e modificar o ambiente em que está habitado, sendo autor e coadjuvante nessa dialética sociedade/natureza. Aqui, é importante relevar que, ao longo da história, os usos dos aparelhos tecnológicos não serviram unicamente para domínio da natureza, mas também como facilitador dos meios de vida do ser humano. Em linhas gerais, e à luz de Sevcenko (2002), até o século XVIII na Europa Ocidental, o enfoque tecnológico era claramente voltado para o aprimoramento da principal fonte de energia da época, a transmissão de

movimento de água. Posteriormente a isso, encontramos-nos no surgimento das máquinas a vapor e dos motores modernos, já entrando na Primeira Revolução Tecnológica. Na necessidade de expandir o capitalismo onde a máquina já começava a ditar o ritmo de trabalho do homem, chegamos à segunda fase da história da tecnologia, com novos modos de transmissão e geração de energia voltados para indústria. E assim chegamos à terceira, e última, fase tecnológica, com a Revolução Microeletrônica pósSegunda Grande Guerra Mundial, que trouxe mudanças significativas em todos os eixos da sociedade, e que mais se aproxima do modelo encontrado hoje nos modos de vida vigente.

Vale ressaltar que todas as fases tecnológicas supracitadas se mostram em consonância com a busca do ser humano pelo aperfeiçoamento de relações afetivas e profissionais. Essa relação facilita o acesso e a viabilidade de seus afetos e interesses, além de simplificar sua busca de conteúdos intelectuais, que possibilitam uma suavização de condições estressantes e tensionais que a contemporaneidade em seu mais amplo dinamismo proporciona diariamente aos sujeitos. Estes, ao buscarem um alívio, veem na tecnologia informatizada um leque de opções diversas, rápidas e acessíveis de lazer, o que exemplifica sua capacidade de atingir a subjetividade de forma quase que instantânea, como elucidado por Radfahrer (XXXX *apud* Oliveira, 2013), “A Amazon, por exemplo, é uma livraria sem portas nem fronteiras, que vende 180 livros em formato Kindle para cada um vendido em capa dura, o Facebook é o terceiro maior país do mundo e o YouTube recebe 35 horas de vídeo a cada minuto”.

Com efeito, a tecnologia da informação se mostra renovável e heterogênea na sua expressão a todo momento. Com um poder de adaptação a diversas realidades e condições cotidianas, ela pode ser uma ferramenta importante na superação de problemas antes considerados de difícil acesso, e não a considerar hoje pode limitar, aparentemente, nossas realizações e planos diários. Por isso, seu uso consciente e voltado a explorar todas as potencialidades que ela dispõe é a forma ideal para desfrutar de aparatos que não apenas sirvam como uma novidade imediatista e alienável, mas como uma ferramenta que pode se transformar em uma sólida base crítica da sociedade e de seus interlocutores.

Quando falamos dela dentro de uma sala de aula, as tecnologias informatizadas de comunicação alicerçam processos subjetivos relevantes no educando, possibilitando ao aluno vivenciar o conhecimento de forma plena, criativa e inovadora. Neste instante, uma metodologia fundamentada e proeminentemente sólida se torna intercessora da consolidação do método, não só abrindo um novo universo de criação para o aluno, mas também o seu compartilhamento.

4 A ATUAÇÃO METODOLÓGICA FREIREANA: DO LÁPIS E CANETA AOS TABLETS NAS ESCOLAS

Alvo de muitas críticas arquitetadas por deputados da ala conservadora do Congresso Nacional durante a elaboração do projeto “Escola Sem Partido”, movimento contrário a “doutrinação ideológica” nas escolas, e agora, mais do que nunca, constantemente associado, tanto pelo presidente Jair Bolsonaro como pelo então ministro da educação, Abraham Weintraub, à má qualidade da educação brasileira, o modelo de educação idealizado por Paulo Freire nunca esteve tão em xeque. Desde sua criação, exposta na obra “Pedagogia do Oprimido” (1968), o método atravessou os territórios nacionais, servindo de base para uma educação antiopressiva e não autoritária em países do mundo inteiro, o que refuta tais argumentos e expõe a real finalidade deles, a manutenção de uma sala de aula acrítica, assimétrica e tradicionalmente pautada nas hierarquias de poder.

Freire é estudado em universidades americanas, homenageado com escultura na Suécia, nome de centro de estudos na Finlândia e inspiração para cientistas em Kosovo. De acordo com levantamento do pesquisador Elliott Green, professor da Escola de Economia e Ciência Política de Londres, na Inglaterra, o livro fundamental da obra do educador, 'Pedagogia do Oprimido', escrito em 1968, é o terceiro mais citado em trabalhos acadêmicos na área de humanidades em todo o mundo. (UOL, 2019).

As obras do educador brasileiro figuram em diversas nações não apenas como mais uma base metodológica, mas, como indicativo de educação de qualidade em países que costumam liderar o ranking do Pisa (sigla em inglês para Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), acentuando o sucesso e unanimidade que seu método tem mostrado na construção de espaços cada vez mais democráticos no mundo todo. O método exemplifica o fato de que, em se tratando de educação, não existem fronteiras para se atingir modelos cada vez mais justos e contemplativos, que possibilitam uma atuação social íntegra e empática de pessoas no curso de sua constituição como seres humanos.

Por mais qualificadas que sejam suas obras, o modelo freireano está longe de ser aceito por uma parcela bem definida da sociedade, causando controvérsias em torno da pedagogia de Paulo Freire. Em virtude disso, podemos observar e identificar nos diversos veículos de informações que se dispõem para nós a todo momento -- possibilitado pelas tecnologias de comunicação abordada durante todo esse trabalho -- as razões desses indivíduos não simpatizarem com o educador. Com argumentos pautados em uma suposta intencionalidade política e ideológica ao criar e aplicar seu método nas escolas, e atribuindo os insucessos da educação brasileira

unicamente ao modelo do educador, Paulo Freire tem sido réu de um interrogatório sem precedentes, mesmo após sua morte. Sendo a funcionalidade de seus vários trabalhos o centro de toda a discussão, fica claro o propósito dessa parcela política de perpetuar um evidente desmonte do imenso legado deixado pelo educador, legado este voltado principalmente para inclusão dos mais pobres nos espaços democráticos, além da capacidade de questionarem o modelo injusto que historicamente tem travado sua ascensão na sociedade. Podemos observar que as origens desses ataques partem das mesmas classes que a educação de Freire buscou oposição, a elite dona dos meios de produção responsáveis pela exploração dos trabalhadores. Para ela, ter pessoas conscientes do modelo exploratório em que estão inseridas, impossibilita perpetuar esse formato de trabalho escravo até então velado. O analfabetismo é um formato claro de poder, e poder é uma estrutura bem funcional quando atrelado ao Estado e seus representantes. Em uma análise sociológica, Foucault (1987) supõe que “o poder exercido na microfísica não seja concebido como uma propriedade, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma apropriação, mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos” (FOUCAULT, 1987, p. 26).

Podemos, dessa maneira, entender que a autonomia possibilitada pelo método concebido por Freire para os trabalhadores desestruturou uma ordem vigente de explorador/explorado cristalizada desde o período colonial, rompendo o poder que historicamente segregou, marginalizou e inferiorizou os menos favorecidos perante a máquina estatal. Deste modo, observamos que, enquanto houver desigualdades, haverá questionamentos acerca do patrimônio intelectual deixado por Freire. Isso por vias de fato impede que seu método seja totalmente desenvolvido nas escolas, pois, não é conveniente dar capital cultural para aqueles que estão destinados a ser massa de manobra de políticos que buscam perpetuar seu poder cada vez mais.

Quando nos remetemos à história da educação no Brasil, para assim chegarmos ao cerne da discussão da construção freireana nas escolas, devemos nos apegar, inicialmente, na primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, debatida e elaborada no contexto da redemocratização do país logo após a queda do Estado Novo (1937-1945). “A LDB determina que a educação seja um direito e deve ser assegurado pelo poder público, reforçando principalmente a obrigatoriedade do ensino primário para todos” (ALVES, 2009, p. 66). Em 1946, a Assembleia Nacional Constituinte votou um estatuto legal que abrangeria um modelo de ensino para todo território nacional. Junto a isso foi promulgado, entre as diversas emendas e substitutivos, um inciso que continha vários mecanismos que facilitavam a transferência de recursos públicos para escolas particulares, o que revelava as claras pretensões de expansão do ensino privado,

oferecendo o que o Estado era incapaz de oferecer. Contudo, isso causou muita revolta na sociedade civil, que defendia uma maior atuação do Estado na captação e distribuição de recursos públicos para as instituições assistencialistas, tais como escolas, creches, abrigos etc.

Após a renúncia de Jânio Quadros em 1961 e a subsequente posse de seu vice, João Goulart, sob regime parlamentarista, o Congresso constrói um texto que aprovaria a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de nº 4.024, a 20 de dezembro do mesmo ano, com o diferencial de não ter um mesmo currículo rígido e fixo para o Brasil inteiro. Concomitantemente à promulgação da LDB, surge o método de Educação Popular do professor Paulo Freire. Esse método teve sua primeira aplicação na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, com a campanha de Alfabetização “De pé no Chão também se Aprende Ler”, que consistia em alfabetizar em 40 horas adultos analfabetos.

Segundo a Diocese de Juazeiro (1983) o Movimento de Cultura Popular, MCP, orientado por Paulo Freire começou suas primeiras experiências de educação popular por volta de 1961. [...] Mas, a experiência considerada pioneira foi a de Angicos e Mossoró, no Rio Grande do Norte em 1962. (ALVES, 2009, p.67)

Os resultados do método foram tão eficazes que chamaram a atenção da opinião pública como solução do problema de analfabetismo no Brasil no período, que em 1960 era de quase 16 milhões de jovens e adultos (39,6% da população nessa faixa etária)⁴. A partir deste marco, decidiu-se, com a ajuda do Governo Federal, expandir para todo o Brasil os Círculos de Cultura, que utilizavam do método para seu funcionamento. O sucesso do método permitiu, entre os anos de 1963 a 1964, a intensa amplificação de cursos profissionalizantes na maior parte dos estados, visando aprimorar e expandir esse método para a grande parcela das escolas. Cada Círculo alfabetizava cerca de 30 pessoas em 2 meses, e poderia ser uma solução para o analfabetismo da época se fosse expandido por mais tempo, o que não ocorreu devido à sua interrupção resultante do início da ditadura militar que se instaurou no Brasil no dia 31 de março de 1964 e que exilou Paulo Freire, sua família e, conseqüentemente, seu revolucionário método durante os 16 anos seguintes.

O Brasil é um país que, graças à difusão do método criado por Paulo Freire, nas décadas de 1960 e 1970, ajudou a erradicar o analfabetismo no mundo. Infelizmente, neste mesmo período, esse educador era proibido de ajudar a combater o analfabetismo no seu próprio País, exilado que foi pela ditadura militar que via em seu método um elemento de subversão da ordem estabelecida. (INEP, S/D, p. 12)

⁴ Fonte: Jornal Folha de São Paulo de 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/9/08/opiniaio/10.html>

Mediante tantas limitações resultante da censura gerada pelo regime militar brasileiro, Freire, obrigado a se exilar no Chile, iniciou seus principais trabalhos durante o degredo, dentre eles, seu principal: “Pedagogia do Oprimido” (1968). Visitou países do mundo todo como Estados Unidos (onde lecionou na Universidade de Harvard), Zâmbia, Tanzânia, São Tomé e Príncipe, dentre outros. Sempre levando seu conteúdo intelectual para países que careciam de autonomia, foi reconhecido mundialmente por seu trabalho, recebendo prêmios como: Educação para a Paz (da Organização das Nações Unidas, 1986) e Educador dos Continentes (da Organização dos Estados Americanos, 1992). “O regime militar representa uma das páginas mais tristes de nossa história espalhando medo e terror em todos os seguimentos da sociedade, e a educação foi um dos principais alvos” (ALVES, 2009, p. 69).

No que diz respeito as TIC’s, Freire defendia que a educação deveria ter o caráter de práxis tecnológica, sendo necessário identificar suas bases em busca das reais justificativas para seu emprego. Desta feita, não seria possível, segundo o educador, que a tecnologia que informa e possibilita a comunicação social fosse utilizada sem a plena compreensão do real motivo de seu uso, já que a possibilidade de manipulação político-ideológica permeia também os ambientes e meios tecnológicos. Logo, Freire defende que o pleno entendimento da tecnologia humaniza os homens e os torna aptos a transformar o mundo, sendo a práxis de fato.

Cabe salientar que Freire nunca foi contra a tecnologia na educação, pelo contrário, foi um defensor assíduo da ampla socialização do conhecimento em suas mais diversas facetas, defendendo a inclusão digital como prioridade para a democratização da informação para as populações menos favorecidas, o que pôde ser provado durante sua gestão como Secretário de Educação do Município de São Paulo. No entanto, um relevante questionamento formulado por Freire acerca dos computadores se pautava em para quem eles estavam a serviço quando entravam nas escolas.

Uma fonte muito rica de informações sobre a opinião de Freire sobre o uso dos computadores nas escolas se encontra em um debate entre ele e Seymour Papert, matemático e educador sul-africano, realizado e registrado pela TV PUC, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1995), com o título “O Futuro da Escola: Seymour Papert e Paulo Freire— uma conversa sobre informática, ensino e aprendizagem”. A conversa gira em torno do papel dos computadores nas escolas e as perspectivas para uma nova escola no novo século que se aproximava.

Freire, durante boa parte da conversa, se refere à tecnologia informatizada no campo da política da educação, e do clássico modelo bancário do conhecimento. Nessa linha, as TICs podem ser armas importantes para crianças e jovens recusarem a repressão e irem ao encontro

do poder intelectual. Com ressalvas, Freire completa que, por mais que as tecnologias da informação apresentem tais vantagens, o acesso à época, extremamente restrito àquelas pessoas de baixa renda, limitava o papel pedagógico que a informatização poderia fomentar.

Todavia, Freire se expressa em tom de crítica quando se refere ao manuseio das TICs pelos educadores, afirmando que os professores não estão preparados para tanta novidade tecnológica. Com uma pedagogia que se caracteriza intimamente como uma prática pedagógica reflexiva e transformadora, é imprescindível o educador se utilizar criticamente das ferramentas ofertadas a ele, tomando essa forma autônoma como soberana. A educação, baseada neste modelo, busca contribuir com o processo de transformação social. “Ser professor, para Freire (1998), implica em um compromisso constante com as práticas sociais, e não só a perpetuação de conteúdo”. (SOFFNER, 2013, p. 156).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da construção deste artigo, buscou-se promover uma reflexão sobre a importância da educação transformadora para o desenvolvimento pessoal do aluno, sendo que a tecnologia informatizada que media o ensino e aprendizado nas escolas pode ser um facilitador durante todo o processo, se usada para fins didáticos e constitutivos. Tomamos como um dos principais ensinamentos aplicados pelo saudoso Paulo Freire que nada de seu método é possível ou aplicável sem um condutor consciente e crítico do conhecimento recebido. O professor é a peça fundamental para que tudo o que foi exposto aqui possa ser concretizado, por isso devem ser valorizados e reconhecidos como a base de tudo o que conhecemos hoje. Contudo, sabemos que nenhum método é isento de críticas e que os grandes intelectuais só tomaram as dimensões que conhecemos por contribuírem de alguma forma para a construção de um conhecimento revolucionário, angariando adeptos e críticos em todos os lugares que sua produção alcançou. Portanto, este trabalho não tem uma resposta definida sobre o uso das TIC's como um recurso pedagógico nas salas de aula, merecendo, dessa forma, uma melhor exploração em momento oportuno.

Por fim, estudando Paulo Freire ao longo desse semestre, pude discernir diferentes tipos de metodologias e didáticas de ensino que foram aplicadas durante esses meus 17 anos frequentando uma sala de aula. Dentre todos os professores com os quais tive contato, alguns merecem reconhecimento especial. A exemplo, quero agradecer imensamente a orientação da professora Elisiene, cuja didática foi uma das que mais se aproximaram do sonho de escola de Freire. Professores entram na nossa seleta lista de pessoas admiráveis e ela tem seu espaço guardado

nessa minha prateleira de educadores para o futuro. Para finalizar, e se me permitirem uma última citação, quero aqui sintetizar minha gratidão pela forma como a orientação da professora Elisiene conduziu a confecção deste artigo com uma clássica frase de Freire: “O educador se eterniza em cada ser que educa”, *Pedagogia da Autonomia* (1996). Obrigado.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, J. (2010). **ICT Transforming Education: a Regional Guide**. Bangkok: UNESCO. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/imagens/0018/001892/189216e.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2020.
- ANSEDE, Manuel. Por que os primeiros humanos pintavam?: Descoberta da obra de arte figurativa mais antiga do mundo acende debate sobre as motivações de seus autores. **Cultura**, [s. l.], 22 dez. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2019-12-22/por-que-os-primeiros-humanos-pintavam.html>. Acesso em: 1 jul. 2020.
- ALVES, Priscila Pires; MANCEBO, Deise. Tecnologias e subjetividade na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia (natal)**, [s.l.], v. 11, n. 1, p.45-52, abr. 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-294x2006000100006>.
- ALVES, Washington Lair Urbano. **A história da educação no brasil: da Descoberta à Lei de Diretrizes e Bases de 1996**. 2009. Monografia (especialista em Metodologia do Ensino Superior) - Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, São Paulo, 2009.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Ministério da Educação (Org.). **Mapa do Analfabetismo no Brasil**. Disponível em: <http://inep.gov.br/documents/186968/485745/Mapa+do+analfabetismo+no+Brasil/a53ac9ee-c0c0-4727-b216-035c65c45e1b?version=1.3>. Acesso em: 05 nov. 2019.
- BRASIL. LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. In: BRASI, Fgv. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do. **LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL (LDBEN)**. Rio de Janeiro: Fgv, 2009. p. 1-2. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao-nacional-ldben>. Acesso em: 12 nov. 2019.
- CODO, Wanderley; LANE, Silvia Tatiana Maurer. **Psicologia Social: O homem em movimento**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. 224 p.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. RJ, Paz e terra. 1981
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: histórico da violência nas prisões**. São Paulo, Vozes, 1987

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

HELLER, A. (1977). **Sociologia da vida cotidiana.** Barcelona: EdicionesPeninsula.

INSTITUTO PAULO FREIRE (Recife) (Org.). **Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira.** Disponível em: <<https://www.paulofreire.org/paulo-freire-patrono-da-educacao-brasileira>>. Acesso em: 06 out. 2019.

INSTITUTO PAULO FREIRE (São Paulo). **O Instituto Paulo Freire.** [S. l.]. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/o-instituto-paulo-freire>. Acesso em: 29 jun. 2020.

MARIANO, Zilda Fátima. A relação homem-natureza e os discursos ambientais. **Geography Department, University Of Sao Paulo**, [s.l.], p.158-170, 2011. Universidade de Sao Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.7154/rdg.2011.0022.0008>.

MENEZES, EbenezerTakuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **Verbetes pedagogia libertadora.** *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrasil.* São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<https://www.educabrasil.com.br/pedagogia-libertadora/>>. Acesso em: 07 de jul. 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Assessoria de Comunicação Social. Inspirada em célebre educador, estudante aprende sobre a vida ao ensinar adultos a ler. **Alfabetização**, [s. l.], 23 set. 2016. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/396111-inspirada-em-celebre-educador-estudante-aprende-sobre-a-vida-ao-ensinar-adultos-a-ler>. Acesso em: 1 jul. 2020.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; KRAMER, Sonia. **CONTEMPORANEIDADE, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA.** *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, p.1037-1057, out. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a1928100.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2019.

PATTO, M, H. (Org). **Introdução à Psicologia Escolar.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

PEREIRA, Tânia Oliveira. **As tecnologias e a comunicação na contemporaneidade: a triologia Matrix.** *Revista de Informação*, Paraná/rio Grande do Sul, v. 14, n. 4, p.1-10, ago. 2013. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/45828>>. Acesso em: 02 out. 2019.

SAMPAIO, Marisa Narcizo; LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização Tecnológica do Professor.** Petrópolis - RJ: Vozes. 2008.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **As reflexões Curriculares de Paulo Freire.** *Revista Lusófona de Educação*, Paraíba, v. 6, n. 6, p.81-92, 13 out. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/rle/n6/n6a07.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2019.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o Século XXI: no loop da montanha-russa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 144 p.

SOARES-LEITE, W. S. & NASCIMENTO-RIBEIRO, C. A. do (2012). A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios. **Magis**, Revista Internacional de Investigación en Educación, 5 (10), 173-187.

TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO FREIRE – PAPERT. Recife: Tópicos Educacionais, v. 19, n. 1, jan. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/article/viewFile/22353/18549>>. Acesso em: 25 nov. 2019.